

ÍVIA CORNELI

23

visitas ao

ORIENTE MÉDIO

Uma reflexão necessária

D'PLÁCIDO
EDITORA

ÍVIA CORNELI

23

visitas ao

ORIENTE

MÉDIO

Uma reflexão necessária



D'PLÁCIDO
EDITORA

Copyright © 2015, D'Plácido Editora.
Copyright © 2015, Berenice Neide Brandão Andrade (Ívia Corneli).

Editor Chefe
Plácido Arraes

Produtor Editorial
Tales Leon de Marco

Capa e Projeto Gráfico
Tales Leon de Marco
Beatriz S. Bernardes

Diagramação
Bárbara Rodrigues da Silva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, por quaisquer meios, sem a autorização prévia da D'Plácido Editora.



D'PLÁCIDO
EDITORA

Editora D'Plácido
Av. Brasil, 1843 , Savassi
Belo Horizonte – MG
Tel.: 3261 2801
CEP 30140-002

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

Corneli, Ívia

23 visitas ao Oriente Médio: uma reflexão necessária – Belo Horizonte:
Editora D'Plácido, 2015.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-8425-127-8

1.Oriente Médio. 2.Israel. 3.Religião. 4.Judaísmo. 5.Islamismo. 6.Alcorão. I.
Título II. Autor III. Palestina IV. Israel

CDU327+26+28

CDD200+910



Preâmbulo

Caros amigos, a paz seja com todos.

Deus nos abençoe e nos ampare as intenções nesse momento, quando unimos esforços para que o bem retome o seu lugar no planeta.

Reconhecemos a hora difícil que denuncia a moléstia a ser sanada. Anotamos o cansaço nas almas sofridas, como manifestação do desejo de cura.

Em todos os tempos sonhamos com a paz mundial. Em todos os tempos fomos testemunha das movimentações sombrias que inibem, enquanto aterrorizam os homens. E ao longo dos milênios, temos nos esforçado para seguir no luminoso roteiro da esperança, da alegria, da confiança em Deus, que auxilia-nos a decidir com acerto, simplificando a vida, na longa trajetória do nosso aperfeiçoamento.

Não nos intimidemos. Em defesa da verdade, amemos mais para melhor compreender as necessidades humanas. São centenas de milhões de almas, de todas as raças, de todas as crenças, e em todos os países, em prontidão para marchar em direção ao sol de um amanhã mais feliz.

Milhares de corações movidos por um amor que liberta, e por uma fé que sustenta, vivem em regime de esperança, tecendo a rede de afetos, que conforta e agasalha a humanidade inteira.

Quando o amor rege as almas... Até as pedras abrem passagem para os que se movimentam no caminho, no intuito de estabelecer a ordem íntima, enquanto socorrem e amparam, compreendem e consolam, resgatando criaturas da compacta e sombria rede da ignorância e da descrença, que incentiva a crueldade.

O tempo da barbárie, sustentado pelos corações alheios à hora da verdade celeste, chega ao fim.

Convulsões planetárias se farão sentir.

Enquanto tudo se organiza numa movimentação histórica, o sol permanecerá, na mesma produção silenciosa de vida, num desdobramento de luz, de cor, de renovação e de alegria.

Quanta rebeldia ao longo dos séculos. Soluços reprimidos na dor. Quantas crianças tiveram seus sonhos confiscados. Embaladas pelo ódio, trocaram o roteiro de vida do Criador por lúgubres projetos sustentados pelos insanos ideais dos que amam a morte desprezando a benção da vida... A maldade qual imperatriz de tormentos, por presunçosa que é não percebeu que atraía a própria decadência.

No silêncio, uma bandeira é hasteada.

Desconhecendo o movimento das sombras, ascende-se no mastro atendendo aos apelos de quantos reconhecendo as limitações dos homens, apoiam-se na certeza dos recursos ilimitados de Deus.

A bandeira se eleva, decididamente, qual suave advertência, impondo a hora solene do reinício de turno na Escola Planetária.

Que toquem os sinos.

Hinos de amor sejam cantados.

Orações sejam feitas.

Que as luzes das crenças se ascendam.

Que as Igrejas se irmanem.

Que os Homens se unam.

Deus presidirá a grande assembleia dos filhos atentos.

Na pauta, a consciência esclarecida.

O decreto é o mesmo apelo milenar: “Amai-vos uns aos outros.”

O Senhor do mundo afiançará nosso projeto.

Cansaço do ódio, fragrâncias sem ópio, convívio sincero, fraterno, sem dor... Escola, trabalho, suor, esperança, certeza de tudo...Vitória do amor.

Emmanuel.

Abril de 2015.



Caro leitor.

É possível que você procure, neste livro, um histórico sobre os conflitos do Oriente Médio, ou um aprofundamento teórico sobre os temas apresentados. Este não foi o nosso propósito. Apenas desejamos trazer um pouco de esclarecimento a quem se interesse por um mundo melhor. Aqui, relato um pouco do que vimos, sentimos e presenciamos, em experiências por esses caminhos. São conhecimentos adquiridos através de vivências singulares que nos fizeram sentir a necessidade de abordar esses temas. Nessas vivências, sentimos emoções raras, comoções profundas, no contato com os irmãos de todas as regiões por onde passamos. Impressões que me visitaram a alma, produziram um clareamento da minha consciência, amadureceram meu espírito, fazendo nascer em mim um amor maior do que eu já sentia por todos os povos.

Desde menina, a história de Jerusalém, Israel, chamou a atenção de minha alma, certamente pelo conteúdo bíblico, que sempre esteve presente em nossos currículos de vida. Em verdade, por essas paragens, isto é incontestável, passaram todas as personalidades importantes do painel religioso, e todos nós, de alguma forma, e isto também é fato, fomos embalados nas tradições religiosas do planeta.

Eu conhecia Israel através dos livros, dos filmes, e das lembranças que insistiam em crescer dentro de mim.

Sendo cristã, sempre me chamou atenção a história de Jesus, este judeu excepcional, que deixou uma marca inconfundível na história do planeta: a. C. - d. C. (Antes de Cristo, depois de Cristo). De longe, eu sabia um pouco da história dessa terra desértica. Eu sempre soube que Israel era a terra dos Judeus. Essas impressões, eu as colhi desde criança, nos livros, filmes e documentários sobre o tema. Sempre me comoveram histórias singulares como a de Abraão, Sara, Moisés, David, o grande rei que recebeu a tarefa de reunir as tribos de Israel, Salomão, o rei da sabedoria, Isaías, João, Elias, José, Maria, Pedro... E tantas outras figuras notáveis que deram relevo à tradição religiosa da vida planetária.

Após estudar a história da raça humana, podemos afirmar que o desenvolvimento da nossa civilização foi bem uma marcha religiosa ao longo dos milênios. É verdade que “O sentimento religioso é a base de todas as civilizações,” assim como, a fraternidade é tempero indispensável ao nosso convívio.

Passei parte da minha vida estudantil ouvindo sobre os conflitos relativos ao Oriente Médio, e, por mais que eu colhesse impressões, tudo acontecia muito longe de mim, entre povos que eu não conhecia, portanto, não deveriam fazer diferença em minha vida.

Este é um pensamento equivocado de almas imaturas porque, na prática da vida, a alegria ou a tristeza de um, influi diretamente na alegria e na tristeza de todos.

Afirma Emmanuel:“(...) os soluços de um hemisfério repercutem no outro.

A dor do vizinho é uma advertência para a nossa casa.

O erro de um irmão, examinado nos fundamentos, é igualmente nosso, porque somos componentes imperfeitos de uma sociedade menos perfeita, gerando causas perigosas e, por isso, tragédias e falhas dos outros afetam-nos por dentro.

Quando entendemos semelhante realidade, o “império do eu” passa a incorporar-se por célula bendita à vida santificante.

Sem amor a Deus e à Humanidade, não estamos suficientemente seguros na oração.

(...)

Sem nos associarmos aos propósitos do Pai, na pequenina tarefa que nos foi permitido executar, nossa prece será, muitas vezes, simples repetição do “eu quero”, invariavelmente cheio de desejos, mas quase sempre vazio de sensatez e de amor.” (Fonte Viva, p.182)

Um misterioso desejo me impulsionava o coração, e... Sim, esse povo fazia diferença e era parte importante em meu destino.

Interessei-me pelo tema e me dispus a pesquisar na história da política mundial, na história bíblica, na história da Humanidade... Colhi muitas informações.

Entrevistei e ouvi muitos dos que se apresentavam como conhecedores do assunto e percebi que, a grande maioria, era de estudiosos à distância, portadores de algum conhecimento teórico, que, não conheciam de perto as regiões afetadas, embora se manifestassem a favor de uns, contra outros. Encontrei pessoas imparciais, estudiosas, conhecedoras do assunto, que acrescentam valores e esclarecimento à nossa alma. Muitos nos causam estranheza, porque, sem conhecer o Oriente Médio, e sem fundamentação teórica desejável, fomentam o conflito, revelando acentuado preconceito, mantendo posições radicais, fazendo afirmações sobre Israel, Gaza, judeus e palestinos, absolutamente infundadas.

Tenho acompanhado entrevistas, inclusive de líderes palestinos, e... As afirmações são bastante equivocadas, para não dizer, propositadamente enganosas. A impressão é de que os líderes palestinos estão convictos, de que nós, ocidentais, desconhecemos a história. Por este motivo, podem fazer

qualquer afirmação que será aceita sem questionamentos. Penso que estão certos. É provável também que a liderança palestina repita tanto essas afirmações para convencer o seu povo, que passa a acreditar no que diz.

Decidi visitar Israel após generoso convite de uma empresa de turismo – Otur Representações e Turismo Ltda – reconhecida internacionalmente pelos renomados serviços. Eu iria ver de perto o que eu conhecia de longe.

Há quem acredite que Israel é uma região de pessoas fechadas, prontas para a guerra, embrutecidas... A maior surpresa de quem chega a Israel é encontrar um país jovem, moderno, bonito, culto, democrático.

É realmente impressionante, estar no Estado de Israel, tão agredido desde sempre, e perceber que, ainda assim, à frente de todos os seus vizinhos, Israel é a única democracia do Oriente Médio.

Quem nunca esteve no Oriente Médio, não tem uma ideia real sobre a região dos conflitos, podendo imaginar uma distância entre Gaza e Israel. Estando lá, descobre-se que não há distância. A Faixa de Gaza, até 2005, era um pedaço de terra bem cuidado e bem tratado pelo governo israelense, onde viviam muitas famílias judaicas, entre outras, um bairro do Estado de Israel. A grande maioria de estudiosos também não sabe que Belém fica a 15 minutos de ônibus de Jerusalém, e desconhece o fato de que os muçulmanos que vivem em Israel são beneficiados pelo governo israelense, como todas as pessoas que lá residem.

Quem visita Israel, sente a alma tocada por emoções diferenciadas, alimentando um desejo imenso de voltar. Eu voltei a Israel, não uma ou duas vezes. Estive em Israel vinte e três vezes. Acompanhei, com muita honra, algumas crianças se transformando em adultos, despedi-me de alguns amigos que se foram antes de mim para a pátria espiritual... Fiz amigos... Vi paisagens sendo renovadas, e,

acompanhei de perto a eficiência e o cuidado com que se constrói o dia a dia, do Estado de Israel. Acompanhei, também, cada notícia dos “palestinos” na Faixa de Gaza, desde que Israel cedeu a região para eles. Minhas anotações não foram feitas à distância do local dos conflitos. Fui anotando minhas observações, e aqui transcrevo o resultado das minhas pesquisas, baseado nos estudos que fiz e nas 23 visitas ao Oriente Médio, Israel. Nada novo, mas, sinto-me no dever de repassar o que vi e senti.



No cenário mundial tem ficado em evidência dois lados: Israel e Gaza.

GAZA: Um cenário sem beleza.

O termo “Faixa de Gaza” é uma referência à principal cidade da região: Gaza.

Um território no Oriente Médio, muitíssimo conturbado, com baixo desenvolvimento, devido à ideologia dos governantes. A região apresenta, atualmente, precárias condições de vida, não há infraestrutura adequada e consequentemente a economia é extremamente debilitada. Em atendimento à ideologia do governo, nada se produz em Gaza. Todo auxílio financeiro recebido, e, não tem sido pouco, é destinado à aquisição de armamento pesado, ou à confecção de instrumentos bélicos, com um único objetivo: destruir Israel. Materiais destinados à construção de moradias são utilizados para construir centenas de túneis, projetados unicamente para contrabandear armas e atacar israelenses. Nada de útil tem sido feito em Gaza. Não temos notícias de qualquer ideia boa, vinda dessa região. É um dos territórios mais densamente povoados, contando com 1,7 milhões de habitantes. A Faixa de Gaza tem a sétima

maior taxa de crescimento demográfico do mundo. Estes dados precisam ser atualizados sistematicamente, porque as mulheres muçulmanas procriam todo ano. A liderança islâmica planeja aumentar a população muçulmana, crendo que aumentando a população, aumentam-se lhes o poder e o direito de exigir mais espaço.

A população de Gaza é extremamente marcada pela religião islâmica, sendo 99% dos habitantes, fiéis muçulmanos. Entre estes se destaca a soberania dos muçulmanos sunitas. (sunitas: os que seguem o caminho do profeta Maomé).

Por questões ideológicas, a população é impedida de ter acesso a outras culturas, e isto impede qualquer novo aprendizado. Tendo a obrigação de, ainda criança, saber de cor o Alcorão e, não tendo acesso a nenhuma outra informação, a cultura fica naturalmente limitada. Ouvir músicas ocidentais, por exemplo, é contra o Islã. Os atrativos da nossa cultura, as músicas, os filmes, as vestes, os livros, teatros... Tudo isto afronta à doutrina islâmica. Pode-se concluir que, por este motivo, surge uma acentuada dificuldade para a aquisição de novas ideias. Sem ideias, sem criatividade, sem invenções.

É um povo cheio das marcas de sofrimento no rosto, nos olhos, no corpo, como se calassem ou esquecessem seus sonhos, e silenciassem suas dores, numa marcha diária pesada, inquieta, ruidosa e sem esperança. Crianças em idade tenra, trocando brinquedos pelas armas, aprendendo a odiar sem perdão, a matar sem tréguas, aprendendo desde cedo que, ser um homem bomba é uma honra e ser suicida garante uma estadia no céu; pais criando seus filhos para odiar, para matar, para morrer... Meninos em tenra idade aprendem a manejar armas pesadas, recebendo treinamento militar. As meninas, de 4, 5, 6, 7, 8, 9 anos, são educadas para deixar seus lares, sua infância, para assumir o lugar de

mulher, junto a um homem de 30, 40, 50 anos, que doravante será seu esposo, com direitos de usá-la em suas experiências sexuais. Ele pode usufruir desse direito com liberdade, desde que não faça penetração, enquanto o corpo infantil não suportar. Faixa 1: Treinamento militar para as crianças palestinas e casamentos infantis em Gaza.

Abaixo, pequeno trecho extraído do Alcorão, livro sagrado do Islã¹. Não fizemos correção de gramática para ser fiel ao texto.

Esposas-Crianças

O profeta Maomé, aos 51 anos, propôs casamento a Aisha quando ela tinha 6 anos de idade. Casar com uma criança é sunna.

Sunna quer dizer: “caminho trilhado”.

Sunna do profeta quer dizer: “Caminhos trilhados pelo Profeta”, ou, “Tradições do Profeta.” Todo fiel muçulmano deve seguir Maomé.

[Bukhari 7, 62, 18] Quando Maomé pediu Abu Bakr pela mão de Aisha em matrimônio, Abu respondeu, “Mas eu sou seu irmão”. Maomé disse, “Você é apenas meu irmão na religião de Alá e no seu livro, deste modo é legal para mim me casar com ela

0 DIREITOS CONJUGAIS - OBRIGAÇÕES CONJUGAIS DAS ESPOSAS

Islã: m 5.1 É obrigatório para uma mulher deixar o seu marido ter sexo com ela imediatamente quando:

- *Ele pedir a ela*
- *Quando estiver em casa*
- *Quando ela possa fisicamente aguentar ter relações sexuais.*

¹ O nome da doutrina islâmica pode ser escrito das três formas a seguir: Islam, Islã e Islão.

- Bukhari :: Book 7 :: Volume 62 :: Hadith 81

Narrated 'Uqba:

The Prophet said: "The stipulations most entitled to be abided by are those with which you are given the right to enjoy the (women's) private parts (i.e. the stipulations of the marriage contract)." [Bukhari 7,62,81] Maomé disse: O voto matrimonial mais importante que se espera ser respeitado é o direito de que o marido tem de usufruir da vagina de sua esposa.

Quando e como se aproximar das esposas:

[Abu Dawud 11, 2138; 2139]

Muawiyah disse: Apóstolo de Alá, (Apóstolo de Alá é Maomé) como nós devemos nos aproximar de nossas esposas e como nós devemos deixá-las? Ele respondeu: Aproxime-se de sua lavoura quando e como você desejar...

A população de Gaza, sendo muçulmana sunita, obviamente se obriga a assumir o Alcorão e Sunna, que são, respectivamente, livro sagrado do islamismo, e caminho trilhado pelo profeta Maomé.

Alcorão e Sunna definem o Direito Islâmico, que concede aos homens coisas, que, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de Dezembro de 1948, considera crime, assassinato, abuso.

É inadmissível que, sendo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, norma comum a ser alcançada por todos os povos e nações, uma organização, possa desconhecê-la, afrontando a lei, como o islã o faz. Faixa 2: intolerância islâmica.

O povo de Gaza é um povo motivado a matar e a morrer. Todos obrigados a atender e a servir ao comando terrorista do Hamas, um braço do grupo Estado Islâmico, todos agindo sob o comando de Yasser Arafat, até sua morte em 2004 e atualmente continuam sob o comando da OLP (Organização para Libertação da Palestina). Homens e mulheres, que,

acredito, gostariam de ter uma vida pacífica são condicionados e treinados para matar os judeus e exterminar Israel. É uma sociedade desamparada, submetida a um governo terrorista.

Para compreender os motivos de tamanho desconforto, desordem social e desatenção com o povo, é preciso tomar conhecimento de que existe na base dos conflitos, uma cláusula inegociável no Estatuto do Hamas, que diz: *“O dia do julgamento não chegará enquanto os muçulmanos não combaterem os judeus, quando os judeus se esconderão por detrás de rochas e de árvores. As rochas e as árvores dirão: Ó muçulmano, ó servidor do senhor, há um judeu atrás de mim, vem e mata-o ...”* Este hadith explica a obstinação do Hamas em dizimar Israel. Faixa 3: Hadith

É um pensamento doentio, fixado em um objetivo sombrio. Nesses anos todos, este objetivo nunca trouxe alegria ou conforto mínimo ao “povo palestino”, aos muçulmanos, porque, o mal que desejamos ao outro, consome primeiro, a nossa própria alma.

Entende-se que, esta não é uma guerra política. É uma questão ideológica, muito mais complexa e perigosa porque, foge ao painel da razão. A população da Faixa de Gaza, ou seja, “o povo palestino muçulmano” transgredirá qualquer lei, está disposto a matar, a mentir, ou a morrer, e tudo fará para atender a esta ideologia islâmica, submetendo-se às imposições das lideranças do Hamas, do grupo que se denomina Estado Islâmico, ou de outros grupos que, usando o Direito Islâmico, aplicam a lei Sharia, que é uma mistura de imposição, violência, enganação, crueldade, intimidação. Os que estudam profundamente esta questão dentro do islamismo traduzem este comportamento como: “Obsessão Islâmica”. Faixa 4: filho do Hamas.

A Faixa de Gaza era um lugar organizado, bem cuidado pela administração israelense, com escolas, sinagogas, mesquitas, praças, e, em 2005, o povo judeu, decidiu, espontaneamente, abandonar todas as construções, casas, fazendas, deixando tudo para o governo palestino, na esperança de que esta atitude espontânea pudesse facilitar a convivência, até então, cheia de hostilidade, promovendo um clima de paz. É justo ressaltar que os judeus deixaram tudo que haviam construído para a população de Gaza, e essa atitude não foi incentivada por nenhum acordo. Foi um gesto absolutamente espontâneo do Estado Judeu.

Contrariando a todas as expectativas, as agressões e ameaças a Israel aumentaram. A partir de então, começou pesado bombardeio com mísseis às cidades israelenses. O bombardeio durou dois anos, até que Israel decidiu que não podia mais viver com a ameaça constante de mísseis e declarou um bloqueio de armas em 2007.

“Bloqueio de armas é a tentativa de impedir, que sejam importadas armas prontas para o uso, e matérias primas para a construção de armas, na faixa de Gaza.

No entanto, havia centenas de túneis para contrabando, desde o Egito, e a constante tentativa de contrabando através de barcos de pesca. Foram interceptados navios provindos do Irã carregados de armas que eram descarregadas no Sudão, e de lá, vinham em caminhões até o Sinai, para, então, serem contrabandeadas.

Os ataques aos arsenais do Hamas foram realizados com a intenção de destruir essas armas, que os terroristas conseguiram contrabandear ou produzir na própria Faixa de Gaza, com a intenção única de atacar e tentar destruir Israel.

Existe também um controle eficiente nas zonas da Autoridade Palestina, que também pode ser chamado de

bloqueio de armas, no entanto mesmo este, não é 100% “hermético”. (Edgar Hess)

No ano de 2007, em junho, houve um confronto armado entre Al Fatah e o Hamas, dois grupos fundamentalistas, de ideologias semelhantes, pela disputa do governo de Gaza. O que se seguiu foi muita crueldade e muito sangue, até que, após muitas crueldades, que a mídia tendenciosa não divulgou, o grupo Hamas saiu vitorioso. Desde que o Hamas assumiu o poder, recrudesceram os sofrimentos da população.

Nesse confronto, Gaza foi destruída. Muitos, ignorando esses fatos, acreditam que foi Israel quem destruiu Gaza.

Enquanto nos enganamos em nossas posições de alheamento ou de agressões aos judeus, Israel trabalha em seus ideais, investindo em educação, arte, agricultura, tecnologia, sustentabilidade, enquanto o grupo que se autodenomina Estado Islâmico armazena armas, adquirindo poder para melhor atacar.

Uma questão digna de ser registrada: Israel continua fornecendo eletricidade e água para a Faixa de Gaza. O pagamento pelos serviços prestados está pendente há anos, e a dívida de Gaza para com Israel é de mais de um bilhão de dólares americanos. Nem por isso Israel suspendeu qualquer fornecimento ou usou desse fato para fazer propaganda política a seu favor. A mídia nunca divulgou, portanto, o desconhecimento destes fatos é geral. Além disto, há mantimentos, medicamentos, que são enviados gratuitamente para a população.

O governo de Gaza não promove políticas sociais, de saneamento, não há planejamento, programas de saúde, ou movimentos que incentive o uso adequado destes recursos. Não emprega os valores recebidos para a canalização de água e nem para manutenção ou construção de redes de esgotos, de eletricidade. Por esse motivo, estragaram os

poços por extraírem água demais, permitindo a infiltração de água salgada, e infiltração de algum esgoto nos mesmos.

Embora a tolerância demonstrada pelo governo israelense, durante todos esses anos, o Hamas não reconhece a existência do Estado de Israel, e vem fortalecendo seu arsenal usando endereços residenciais, escolas, mesquitas, hospitais para esconder suas armas e militantes.

Desde que decidiu bloquear as armas do grupo Hamas, Israel tem tido como alvo, os locais onde se armazenam os mísseis. Em quase todos os prédios mais altos de Gaza, foi construída uma rampa para lançar foguetes. O governo israelense para se defender, fez de alvo estas rampas de lançamentos e os locais onde se armazenam os mísseis.

Israel é o único país que faz questão de avisar à população sobre o local e hora dos ataques. Isto porque o alvo nunca serão as pessoas, os civis; mas, mesmo quando a população é avisada, o Hamas obriga as pessoas a permanecerem no local, para fazer propaganda de “palestinos” mortos. A ordem é para que todos subam nos telhados para servirem de escudo humano ou, assim, impedir o bombardeio.

Veja o que acontece, com aqueles que se opõem a ser escudo humano, simplesmente porque não desejam morrer. Faixa 5: linchamento. Veja também, na faixa 6, um piloto israelense abortando a missão para não matar civis.

Com o valor de um míssil, podemos construir muitas escolas, universidades, hospitais...

Com o dinheiro gasto com a aquisição e confecção de mísseis, o grupo Hamas poderia ter transformado Gaza num paraíso de conforto, de cultura, de arte, de saúde e de beleza. É lícito lembrar que o dinheiro usado para a fabricação dos mísseis é o mesmo recebido de países que doam milhões, objetivando a reconstrução da cidade para conforto da população. Não comentamos aqui, os milhões de dólares que entram em Gaza de maneira ilícita, e que vêm dos países que apoiam o objetivo do Hamas.

A Organização das Nações Unidas - ONU, os Estados Unidos, a União Europeia e outros, doaram milhões de dólares para Gaza, objetivando criar o que chamaram de “Singapore” do Oriente Médio. O valor pecuniário recebido daria, realmente, para que o governo de Gaza construísse uma pequena Cingapura.

O motivo que impede o Hamas, de usar os recursos financeiros para esse fim, é a mesma cláusula inegociável, citada anteriormente, mantida em sigilo até há pouco tempo, para atender aos objetivos das lideranças palestinas. A mídia internacional não divulga, mas hoje, a Inteligência Mundial, no uso das prerrogativas do poder a ela conferido, esclarece que: por ideologia do grupo Hamas, entre construir escolas, dar condições de vida a seu povo, e destruir Israel, o mais importante é destruir Israel.

A obstinação do grupo terrorista Hamas é tanta que, *“Sete meses após o fim da operação Margem Protector em Gaza, o Hamas voltou a escavar tuneis, apesar da insistência do IDF - Israel Defense Force - dizer que está tudo tranquilo.”* (JUDAICO - Agência de Notícias - LIGAÇÃO DO MÉXICO).

É difícil crer numa vida de paz, quando somos condicionados, desde a infância, a odiar. As crianças “palestinas” são alimentadas com ódio. São educadas para odiar Israel, e a população é preparada desde sempre para serem homens e mulheres bombas, acreditando que essa morte, considerada por eles, cheia de glórias, os fará alcançar o paraíso. Assim têm sido educadas as crianças, na Palestina, há décadas. O risco é grande porque as crianças de 12 anos, treinadas hoje, por exemplo, serão, em poucos anos terroristas em idade adulta, prontos para cumprir a missão de se explodir ou matar, em qualquer que seja o país alvo. Faixa 7: educando crianças palestinas. Crianças suicidas.

Até 2005, Gaza não era uma região com crise humanitária. Havia shoppings, hotéis, parque aquático com

natação mista, socialização, música... Este fato contradiz as afirmações de que a Faixa de Gaza era uma prisão aberta, um campo de concentração...

O que mais produz indignação, é que o moderno e bonito parque aquático de Gaza foi destruído, não por bombardeios de aviões estrangeiros, mas, pelo grupo terrorista, que não admite natação mista, músicas alegres e diversões. Tudo isto, é considerado uma afronta à ideologia do islã e, por essas razões, o parque foi bombardeado e destruído. Qualquer distração poderá desviá-los do foco principal e isto é inadmissível para as lideranças Palestinas.

Um fato que nos deixa a todos indignados e que confirma a obstinação palestina em dizimar Israel: Há dez anos os judeus cederam a Faixa de Gaza para os “palestinos”. Desse tempo até hoje, a população de Gaza, além de não conservar o que lhe foi deixado, nada fez de bom na região, nada produziu, nada acrescentou. Somente usaram os recursos e o tempo – dez anos – para comprar equipamentos bélicos, treinar suas crianças, objetivando bombardear o Estado de Israel. Desta forma, creem, estão agindo acertadamente, atendendo ao seu “Deus” na execução da cláusula inegociável, citada anteriormente. Veja o que diz, o filho do Hamas, na faixa 8.

Sem representação de impacto no cenário político, no governo das nações, tenho conhecimento dessas verdades. Pergunto-me se os governantes, que cedem o dinheiro há tanto tempo, ignoram tal coisa.

Enquanto isto, a população da Faixa de Gaza permanece submissa ao governo do grupo terrorista Hamas.

Os “palestinos” que conseguem se livrar do condicionamento que lhes é imposto, mantendo em sigilo seus sonhos, alimentando o desejo de viver felizes em seus lares com suas famílias, permanecem em sua dor, cercados pela mídia manipulada que nada faz por eles, e, que, quase conseguiu esconder essas verdades. Impotentes, manietados,

permanecem diante das lideranças sob as imposições do Hamas, e da lei Sharia que é o Direito Islâmico. Os árabes cristãos têm sofrido perseguições desumanas há muito tempo. Atualmente algumas notícias começam a chegar até nós. Faixa 9: perseguição aos cristãos.

Observando de perto a movimentação, os hábitos, os interesses, e as necessidades, conseguimos perceber tudo isso. De longe somos reféns da mídia enganosa, da ignorância que nos assalta a alma, e, sem perceber, passamos a ser multiplicadores de preconceitos, incentivadores de guerras e mantenedores de sofrimentos inimagináveis. Permanecemos a favor de uns contra outros, porque, movimentamo-nos, entre teorias, à distancia, ignorando a verdade dolorosa que rege a vida desses povos.

Não há documentários mostrando as belezas de Gaza. Não temos notícias de alguma ideia boa nascida nesta região. Não se tem notícias de programa turístico para esta faixa de terra.

Por outro lado, assistimos a centenas de documentários sobre as belezas de Israel, usamos no dia a dia, suas ideias, suas criações, sua tecnologia... Somos convidados pelas maiores empresas de turismo a visitar a “Terra Santa”. Israel tem somente 67 anos, tem vivido rodeado de inimigos, defendendo-se, há décadas, de uma guerra sem fim, que não é política... É ideológica, obsessiva. O boicote a Israel vem de todos os lados. Mesmo assim, Israel cresceu, e hoje, embora os boicotes da mídia internacional é inegável a transformação do pequeno Estado, em uma potência intelectual e tecnológica no mundo. Podemos entrar e sair de Israel com segurança.

Enquanto não respeitarmos as conquistas do Estado de Israel, enquanto permanecermos no comportamento imaturo, do politicamente correto, enquanto nossas opiniões, formadas à distância, no terreno da ignorância ou dos escusos interesses, forem a favor de um povo contra o outro, e, enquanto formos reféns da mídia enganosa,

“ Quem visita Israel, sente a alma tocada por emoções diferenciadas, alimentando um desejo imenso de voltar. Eu voltei a Israel, não uma ou duas vezes. Estive em Israel vinte e três vezes. Acompanhei, com muita honra, algumas crianças se transformando em adultos, despedi-me de alguns amigos que se foram antes de mim para a pátria espiritual... Fiz amigos... Vi paisagens sendo renovadas, e, acompanhei de perto a eficiência e o cuidado com que se constrói o dia a dia, do Estado de Israel. Acompanhei, também, cada notícia dos “palestinos” na Faixa de Gaza, desde que Israel cedeu a região para eles. Minhas anotações não foram feitas à distância do local dos conflitos. Fui anotando minhas observações, e aqui transcrevo o resultado das minhas pesquisas, baseado nos estudos que fiz e nas 23 visitas ao Oriente Médio, Israel. Nada novo, mas, sinto-me no dever de repassar o que vi e senti.”



D'PLÁCIDO
EDITORA

www.livrariadplacido.com.br

ISBN 978-85-8425-127-8



9 78858251278